

A NOVELA VERMELHA

— N.º 6 —

A ESCOLA
DE NUN'ALVARES

POR

Cristiano Lima



LISBOA — OUTUBRO DE 1921

Secção Editorial de A BATALHA

Shi

A ESCOLA DE NUN'ALVARES

POR

Cristiano Lima

A Novela Vermelha n. 6

Shi

A ESCOLA DE NUN'ALVARES

por

Cristiano Lima

A escola de Nun'Alvares

O comboio pôs-se inopinadamente em marcha. Bernardo viu a aldeia muito branca, muito calma, muito linda, duma belesa cenográfica, melancolisada pela chuva, desaparecer com lentidão. A tristeza que interiormente o combatia, acabou de vencê-lo numa explosão de lágrimas que lhe dansáram nervosamente nos olhos até lhe agredirem o rosto.

O odor penetrante da terra húmida, embriegou-o duma saudade inexprimível. Agarrou-se convulsivamente à janela da carruagem na suposição imbecil e desesperada que se prendia à terra que o comboio lhe roubava. A chuva inundou-lhe a cabeça, fêz-lhe empastar os cabelos e acabou por integrá-lo na vida interior da carruagem.

Algumas estações tinham passado e a carruagem enchêra-se de passageiros e de ruído. Bernardo olhou tudo em volta, demoradamente, com uma curiosidade infantil.

Procurou resignar-se com o destino. E a Lisboa desconhecida e terrível para onde êle o arremessava, começou a preocupá-lo intensamente.

Bernardo nascera numa aldeia onde todos os habitantes viviam uma vida primitiva, quasi selvagem. Os esforços da senhora baroneza, a única fidalga e a maior proprietária da aldeia, nunca reüniram duas dezenas de campónios, à hora religiosa da missa. O coração da baroneza distribuido carinhosamente aos aldeãos, sob a fórmula duma caridade pródiga e persistente, não lhes mudara a índole agressiva e desconfiada. Apenas, uma meia duzia de

mulheres e dois ou três velhos profundamente idiotas e inúteis, freqüentavam a igreja por necessidade, quasi com repugnância.

Só os pais de Bernardo escutavam enlevados as prédicas do padre e executavam pachorrentamente as penitências que lhe eram impostas. Uma ânsia de desconhecido, impeliu-as para a missa, única diversão para a alma numa aldeia monótona, em que a vida decorria lentamente, sem ruído, quasi sem conflitos.

Um dia o pai morreu repentinamente. Depois dêle enterrado, a baroneza mandou buscar Bernardo para o solar, e prometeu à desolada e en-pobrecida viuva, uma vida calma, sem escassês de alimento.

O padre que enchia o solar com as suas cóleras contra a irreligião dos campônios, foi encarregado de educá-lo. Bernardo cresceu e desenvolveu-se nêsse solar de seis janelas: habituou-se, pouco a pouco, sem esforço, a ajudar o padre na missa e a baroneza nas rezas. Identificou-se de tal maneira com ela, que chegava a comovêr-se quando ela se comovia, a rir-se quando ela se ria e a chorar ao surgirem-lhe as primeiras lágrimas. Dir-se-ia que acertavam um com outro, as pulsações do coração.

A fidalga pensava em fazê-lo padre quando um dia o padre, inconsciêntemente, lhe aniquilou os seus planos de velha católica sentimental.

O padre, com a energia que personificava o seu temperamento apaixonado, revelou-lhe uma mulher, uma visionária, uma santa, que salvara a França, pela execução heroica da vontade de Deus. Sonhou muitas noites com essa virgem, que êle via, magra, loira e linda, de olhos estranhos, fulgurantes e dominadores, a cavallo, coberta de ferragens, de espada nua, expulsando os invasores da sua terra. O padre no seu amor irresistivel pela belêsa, que tinha o sêlo de Deus, pintou-lhe com um colorido bizarro e absorvente a vida nobre, heroica e católica de Nun'Alvares.

Joana d'Arc morreu no seu espirito quando o condestável lhe appareceu com a sua fê profunda e a sua espada escorrendo o sangue que êle transformou numa luz acariciante e forte, iluminadora dos seus sonhos.

A vida de Nun'Alvares começou a dominar sua vida. Ia crescendo e a sua admiração pelo condestavel comunicou-se à baronêsa e ao padre com a rapidez duma febre infecciosa. Uma noticia que ia agitar profundamente o lago tranquilo daquela vida provinciana entrou um dia no solar e consternou-o. Lisboa tinha proclamado a

República. E o rei, abandonára, numa fuga precipitada, o sceptro e o país. A baronêsa chorou pela monarquia Bernardo chorou pela baronêsa e o padre chorou por contágio.

Dois mêses depois da proclamação da República, Bernardo tinha a monarquia proclamada no seu espirito.

O padre que foi parar a Galiza para se envolver na incursão. Regressou, mais tarde, acabrunhado com a morte trágica dum sobrinho sob as balas republicanas; aproveitou as lágrimas que Bernardo consagrou á morte do sobrinho para lhe explicar que êle morrera em defesa do bem contra os inimigos de Deus, da pátria e do rei.

A monarquia banida dos 89:000 quilómetros do territorio portuguez, passou a vivêr nos metros quadrados do solar da baronêsa. Bernardo no seu desconhecimento dos homens e dos acontecimentos que os impulsionavam, tomava os conspiradores fugidos à cólera dos republicanos, como deuses provisoriamente fulminados pela impiedade humana. Escutava-lhes as ideias, as palavras e seguia-lhes atentamente os gestos e atitudes.

Quando eles partiam, afirmando ir implantar a monarquia, Bernardo aguardava ansioso a participação laconicamente telegráfica dessa promessa. As noticias demoravam, a data adiava-se inumeras vezes e, por fim, novos conspiradores, entravam no solar, enchendo-o de tristeza, com narrativas desoladoras.

Um dia, um sobrinho da baronêsa, tenente num regimento de infantaria aquartelado em Lisboa, escreveu-lhe uma carta, declarando-se pronto a coadjuvar a causa monarchica.

Bernardo aproveitou a alegria produzida pela carta para falar ao padre e à baronêsa num projecto que abraçara durante um ano. Queria ir para a vida militar. Iria para o exercito conspirar com os soldados e os officiaes, contra essa república abominável. A baronêsa escutou-o com tristeza e censurou-lhe a idea que êle concebera para a abandonar. Bernardo retorquiu que ella descendia duma familia de herois, e não tinha o direito de extranhar que êle, educado nas suas tradições tomasse essa attitude. O padre apoiou-o e disse á baronêsa, com uma solenidade grotêsca que ella não podia desacatar a tradição. Bernardo, sentindo-se apoiado pelo padre insistiu entusiasmadamente. O exercito tinha por missão salvar a patria, restituindo-lhe o rei. E êle queria ir auxiliar essa obra, com a sua fé, com a sua bravura. O exercito era uma escola de herois, era a escola de Nun'Alva-

res. Ora a baronêsa podia conseguir que ele fôsse para o regimento do sobrinho. O padre defendeu insistentemente a idêa e Bernardo arrebatou-a com o seu entusiasmo juvenil, sincero e irresistível. Ela acabou por condescender com um sorriso pálido e forçado.

Tudo se preparou em segrêdo. Na vespera da partida, Bernardo atravessou a aldeia para se despedir da mãe.

Ao encará-la sentiu-se repentinamente atacado de indecisão. Viu-a tam triste que receando fazê-la chorar, esteve para inventar um pretexto justificativo da visita. Por fim, disse-lhe que estava alistado na vida militar e partia no dia seguinte para Lisboa. Falou-lhe na redenção da patria pela monarquia. A mãe ergueu-se, muito branca e olhou-o fixamente. Por fim rompeu a chorar e pediu-lhe que a não abandonasse. O filho extranhou-lhe a linguagem, combateu-a com vivacidade e acabou por dizer-lhe bruscamente que acima dela, acima do seu coração, estava o seu dever, estava Deus.

A mãe abraçou-se a fêle, agarrou-se-lhe desesperadamente ao pescoço, cumulou-o de beijos e pediu-lhe novamente que não partisse. Como visse o filho olhá-la com frieza, censurou a fidalga e o padre, que lho roubavam e o mandavam para Lisboa, para a morte. Bernardo comoveu-se, as primeiras lágrimas saltaram-lhe nervosamente dos olhos. Desprendeu-se do abraço da mãe, beijou-a e fugiu precipitadamente. Correu desvaído pela aldeia, entrou no solar e fechou-se no quarto. Sentou-se vestido sôbre a cama, apagou a candeia. Passou a noite agitado. A imagem do condestavel appareceu-lhe. Ele estava atacado de mêdo e Nun'Alvares, indignado, chamava-lhe poltrão e batia-lhe com a espada empurrando-o para a frente, contra inimigos monstruosos. O rosto doloroso da mãe apparecia-lhe depois a atormentá-lo. E, caso extranho, Nun'Alvares recuava, fugia diante da mãe, que avançava para êle, ameaçadora.

Acordou a'ucidado e acendeu o candieiro. Não podia dormir. E o dia ao despontar, veio surpreender Bernardo, ajoelhado sôbre a cama, rezando...

*
* *

Seis meses de caserna, transformaram Bernardo que entrara timidamente em Lisboa e na vida militar. Embas-

bacava comicamente diante da cidade e convenceu-se de queela era habitada, quasi exclusivamente por republica- Compreendeu melhor as tãrgicas notícias que recebia na provincia. Lisboa, cruel e invencivel, vencia, espancava, prendia, dispersava e matava os monarchicos.

E Lisboa ser-lhe-ia fatal. Viera desafiar-lhe a cólera, e ela, talvez lhe arrebatasse a vida. Pensou na aldeia, na baronêsa, no padre. E a recordação das lágrimas da mãe fizeram-lhe aparecer lágrimas nos olhos. Nun'Alvares, parecia-lhe menos heroi, menos feroz, mais submisso. Já não o seduzia o condestavel. Agora apenas lhe admirava a fé profunda e refugiava-se em Deus, pedindo-lhe que lhe acudisse no seu isolamento, na sua desgraça.

O regimento tinha aniquilado nêle a fôrça individual que o arrastaria ao heroismo, para o transformar, num ser desgraçado e timorato.

Os soldados que êle supunha ser a parte mais nobre e viril do povo pareciam-lhe foragidos das cadeias. Roubaram-lhe toda a roupa e todo o dinheiro que trouxera. Queixou-se ao official que lhe respondeu irritado que o regimento era uma quadrilha de ladrões, e que até as proprias botas lhe tinham surripado.

Os soldados viviam numa imundicie mais repugnante que a dos cevados nos currais da sua aldeia. Uma amizade que o seu retraimento forçado provocára, ligou-o ao 118, unico soldado que como êle evitava os outros. Durante dois meses a sua convivência foi-se estreitando. Quando entraram em confidencias, olharam-se com espanto. A sua fraternidade pareceu-lhes inexplicavel. Quando Bernardo lhe expôs os seus ideais, defendendo-os arrebatadoramente, o 118 em vês de o aplaudir, olhou-o com tristeza. O outro perguntou-lhe se ele não estava de acôrdo. O 118 respondeu negativamente. Bernardo perguntou-lhe, com um clarão de odio no olhar se êle era republicano. O 118 respondeu-lhe sorrindo que não era partidario da república. Bernardo mais serenado, perguntou-lhe:

—O que és tu, finalmente?

O 118 corou ligeiramente e respondeu com decisão:

—Sou partidário da destruição da actual sociedade. Ela escravisa os homens, rouba-lhes o trabalho e aniquila-lhes a individualidade. Não creio no Deus que tu adoras e detêsto a sombra que a igreja projecta sôbre a vida.

«A verdade é para ti, pobre e querido amigo, um ruído bárbaro, confuso e incompreensivel. Vens da aldeia e igno-

ras a vida. Só conheces, até onde um ignorante pode conhecer, a baronêsa tua madrinha e o padre teu confessor. Eles pegaram-te no cerebro e moldaram-no ás suas ideas. Tu, hoje, és um deformado, estás inutilisado para o raciocínio. Povoaram-te a cabeça de historias fantásticas, de ideas absurdas, de preconceitos estúpidos. E's um surdo e um cego. Tiveste a teu lado um padre. Ele apoderou-se de ti, introduziu-se no teu espirito e no teu coração, deformou-os como lhe agradou. Hoje pensas e sentes como êle quer, supondo illusoriamente que a tua vontade te pertence. E's um militar pela farda, mas és padre pela educação».

Bernardo, muito vermelho, gritou-lhe aflito :

—Cala-te 118. Estás doido!...

—Não estou doido. A minha razão está lucida e a minha clarividência que te cega, pobre morcego que não sabes olhar a luz. Não sei se o que te disse e o que eu vou dizer-te, contribuirá para me apartar de ti. Mas, apesar disso não me calo. A verdade está acima dum amigo, está acima dos meus interesses e dos meus sentimentos. Entendes que os homens teem o dever de ser religiosos e eu que o não sou, tenho, ao contrário de muitos, a religião do dever.

«Escutei em silencio, tranqüilamente as tuas ideas. Deves agora consentir-me que eu exponha as minhas».

Bernardo, extático diante dele nada dizia. A veemência do 118 desconcertava-o.

O soldado continuou:

—Falas-me de Nun'Alvares, apresentando-mo como um heroi, um visionário e um santo. Nun'Alvares, meu pobre amigo, era um doido — um doido mau que os acontecimentos da sua epoca aproveitaram. Hoje, seria isolado num hospicio ou estaria liquidando a saúde na penitenciária ou na costa de Africa. Nun'Alvares, era, como tu, um maníaco, que se obstinou em não possuir uma mulher e tinha repugnância de realizar a obra da vida, a obra do amor...

«Sempre o encontraram pronto para a obra do crime e da morte.

Tinha a necessidade de matar, e matou muito, muito...

A pátria glorificou-o, mas a pátria glorifica os criminosos. E, tu sabes o que é a pátria?... Não respondes... Não sabes, certamente. Pois, meu pobre amigo, a patria é um bando de exploradores que se arrogam o direito de dispôr da tua vida, da tua liberdade. A história das

pátrias, está intimamente ligada á história de todos os roubos, de todos os massácras, de tôdas as miserias».

Bernardo, caiu sôbre um banco e balbuciou:

—Cala-te 118. Por Deus cala-te. Estás louco e mortificas-me.

— Tens de ouvir até ao fim. Vieste para o regimento encolhendo os hombros ás lagrimas de tua mãe e vais talvês apressar-lhe a morte. Sonhaste com a implantação da monarquia, supondo que ela embelezaria a vida. Estás aqui, olhando como deuses, os officiais monarchicos, que conspiram para nos arrastar para uma revolta, paga com o nosso sangue e as nossas vidas. E's correligionario deles, que, confiando em'ti, te entregam cartas de importancia para o exito do movimento que há de rebentar brevemente.

«Apesar disso, quando estás na parada, marchando sob um sol ardente, eles quando te veem desfalecido, distribuem-te chibatadas ao acaso pelo corpo e chamam-te porco e besta.

Dissêste-me que sonhavas o exército uma escola digna de Nun'Alvares. O exército é a sobrevivência da época em que êle viveu — dessa época brutal. O exército é uma escola de degenerados — e Nun'Alvares era um degenerado. O exército é a ameaça suspensa sôbre a vida — e o condestavel é ainda hoje uma espada ensanguentada, erguida do tumulto pela cerebração ôca dos patriotas, suspensa ameaçadoramente sôbre o coração e ventre criador das mulheres.

Como elas o deviam odiar se soubessem que os filhos que nascem e se desenvolvem com tantos sacrificios, vão povoar os campos da batalha do futuro».

Bernardo, ergueu-se, agarrou o 118 e falou-lhe suplicante, quasi choroso:

— Não ofendas as minhas crenças. Sou teu amigo, mas não me destruas a felicidade que eu encontro nas minhas ideas... Cala-te... Cala-te, cala-te...

O 118, afastou-o com brandura e olhou-o enternecido.

Aquele pobre aldeão, com a sua fé teimosa, comoveu-o. A piedade infiltrou-se nele, e replicou-lhe, vagarosamente, carinhosamente, com a voz molhada de lagrimas:

— Conserva as tuas ideas, já que esperas obter delas a felicidade. A vida há de arrancar-tas dolorosamente. Serás um trapo, um pobre trapo humano agitado pelo vento da loucura que sopra no teu espirito.

«Aceita peço-te encarecidamente — dois conselhos:

Não sejas onanista e abandona o horror que tens pe-

las mulheres. Sei que o tenente Menezes, o afilhado de tua madrinha, te quer para impedido. Não aceites porque êle perder-te-ia. E' um debochado...»

Bernardo, ocultou o rosto, com as mãos.

Comovido, o 118, passou silenciosamente diante dele e dirigiu-se para a parada.

Bernardo ao vêr-se só lançou-se sôbre a tarimba e chorou... chorou... chorou...

*
* *
*

Bernardo, recebeu uma carta do padre, aconselhando-o a oferecer-se para impedido do tenente Menezes. Dêsse modo disporia de quasi tôdas as horas, aproveitando-as utilmente para auxiliar o advento da monarquia. O grande dia, aproximava-se. Levou, decidido, a carta ao tenente. O oficial entalou o monoculo, leu o alvitre do padre e concordou.

Dois meses se passaram. Bernardo, na convivência do tenente perdera a timidez. Acompanhou-o em tôdas as orgias e acabava por se embriegar com frequência. Os escrúpulos desapareceram-lhe. Ignorava a vida, o tenente mostrou-lhe um aspecto, o pior, e ele supôs que era o único porque valia a pena viver-se. A sua mocidade comprimida estoirou violentamente. Exagerou os modos do oficial, copiou-lhe cuidadosamente, inconscientemente os vícios, os gestos, as atitudes. A familiaridade, provocada por confidências e cumplicidades atrozes e vergonhosas, ligou o oficial ao impedido. Bernardo incitava o tenente a contar-lhe as suas aventuras. O oficial, envaidecido por aquele admirador tam dedicado e tam submisso, contou-lhe a sua vida amorosa. Rapariguinhas raptadas na provincia, desfloradas com promessas casamenteiras e depois... sempre a mesma história cínica e vergonhosa.

Chegava o enjôo e trespassava-a a um colega. Algumas iam parar à prostituição, e — coitadinhas — não lhe guardavam rancôr. Os pais ou os irmãos, ameaçavam, barafustavam, mas nenhum ousára tocar-lhe. Todos o temiam. Essas recordações surgiam, sempre que o oficial se embriegava. Bernardo olhava-o com uma admiração babosa. O tenente ria-se do seu entusiasmo simplório.

Bernardo admirava no tenente a sua mocidade atrevida, insolente. Atacou-o ferozmente a vontade de o imi-

tar. Escreveu à baronêsa e pediu-lhe dinheiro. Ela acreditava piamente que contribuia para a conspiração e enviava-lho prontamente, em vales de correio, acompanhando-o de conselhos carinhosos que faziam rir Bernardo.

Todos os dias, de manhã, ia a casa do tenente Menezes, fazer os recados do oficial e da família.

A irmã do tenente, uma tuberculosa, muito pálida, duma graça enfermiça e melancólica, atraía-o irresistivelmente.

Bernardo detinha enternecidamente o olhar nos seus olhos negros dum brilho mortiço de febre. Ela adivinhando no soldado uma paixão, silenciosa e forte, para experimentar o poderio que ela lhe daria sôbre ele, forçou-o aos mais humilhantes serviços. Bernardo resignava-se sempre e vencia obstinado algum assomo de cólera que uma imposição mais violenta ou mais humilhante, provocava.

Um dia que o tenente saíra com a família, Bernardo que recebera dinheiro da baronêsa, embriegou-se e às 11 horas da noite apareceu inopinadamente em casa do tenente. A irmã que estava só em casa, abriu-lhe a porta e fê-lo entrar. Por um capricho estúpido conduziu-o para a sala.

Bernardo, ao fitar a luz, cambaleou. Ela, viu-o embriegado e troçou-o cruelmente.

Para o humilhar, obrigou-o a caminhar pela sala, e sentava-se, rindo alto, gargalhadas histéricas, dos esforços que ele fazia para não tropeçar nos moveis. O Soldado, que a principio se prestava docilmente à comédia, sêntia-se chicoteado pela troça. Uma onda de sangue esbateou-lhe o rosto. A cólera invadiu-o, voltou-se inopinadamente.

A irmã do oficial assustou-se com a decisão que se lia no olhar do soldado, mas por bravata cruzou os braços, não modificou a atitude. Olhou-o com desdem e perguntou-lhe provocadoramente:

—Então, o soldadinho de chumbo, para se desferrar duma paixão infeliz, troca-me pelo vinho?

Bernardo avançou um passo e fixou-a.

Receosa interiormente, quiz mostrar-se valorosa e soltou uma gargalhada histérica—de medo.

O soldado agarrou-lhe repentinamente a cintura e empurrou-a com decisão.

A resistência terminou inutilmente, após uma luta surda, violenta, num sofá.

A irmã do tenente foi violentada pelos estratagemas que o irmão usava para seduzir as irmãs dos outros...

A porta da prisão escancarou-se para entrar Bernardo. Os presos para o forçar a fraternizar, ofereciam-lhe tabaco, dando-lhe conselhos absurdos e affectuosos. Ele evitava-os sempre muito taciturno, concentrando ferozmente a sua vontade, para evitar contactos.

Passava os dias, monotonamente, deitado na tarimba a quasi todas as horas.

Ao fim duma semana espreitou pela fresta da prisão que deitava para uma quinta. A saúde da aldeia apoderou-se dele. Reconstituiu mentalmente as lagrimas da mãe, o rosto doloroso da baranêsa, quando êle se despediu.

Essas recordações faziam-no sofrer. Quando se esforçava por afastá-las, a irmã do tenente, surgia. Parecia ouvir as suas gargalhadas insultantes, de histérica. Se procurava fugir a essa evocação dilacerante a sua prisão numa taberna, horas depois, quando embriegado, agredia um marinheiro que o insultara, substituiu-se cruelmente no seu espirito. Então para se salvar desses sofrimentos atrozes, aproximou-se dos presos, aceitou-lhes a conviver, interessou-se pelas suas histórias, simulando acreditar tudo quanto lhe contavam.

Um acontecimento alvoroçou a prisão, insuflando uma alegria melancólica em Bernardo. Ia rebentar uma revolução. O carcereiro que era um dos aliciados, abandonou a severidade brutal com que tratava os presos, começou repentinamente a fazer-lhes todas as concessões, consentindo na entrada de vinho para os calabouços.

Os presos festejaram a revolução alegremente, embriagando-se sempre que tinham dinheiro. A revolução, era para eles, uma fôrça misteriosa e horrível que lhes escancarava as portas da prisão para os restituir à liberdade.

Bernardo embriegava-se propositadamente. Mas, o vinho, não lhe espancava a tristeza, fazendo-o cair, algumas vezes, num abatimento enorme, numa tal abstracção do que o rodeava, que os companheiros, chegaram a supô-lo inclinado para a idiotia.

Uma madrugada, detonações de espingarda, fizeram levantar precipitadamente os presos das tarimbas.

Os tiros sucediam-se aumentando o enervamento na prisão. O carcereiro apareceu, abriu-lhes a porta e eles correram desvairados para a parada, onde se ouvia uma gritaria ensurdecedora. Bernardo arrancou brutalmente a espingarda a um civil, voltou ao centro da parada a orientar-se parando ao vêr a aglomeração de soldados no armeiro.

Correu deliberadamente nessa direcção, ouvindo a voz encolerizada dum soldado, dominando o ruído:

—Nas espingardas ninguem toca. . . Afastem-se que eu atiro á doida! . . .

Os soldados que queriam apoderar-se das espingardas recuaram instintivamente.

Uma voz gritou imperiosamente:

—Soldado dispara sôbre aquele canalha.

Bernardo, apontou a arma. Um tiro desfez o silêncio que instantaneamente se fizera e o soldado tombou.

Todos entraram de tropel. Bernardo, debruçou-se sôbre o cadaver, olhou-lhe demoradamente o rosto. Levantou-se repentinamente e gritou meio doido:

—Matei o 118, matei o! . . .

Dois tiros soaram e Bernardo atingido mortalmente, no coração, não pode ouvir o tenente Menezes:

—Liquidei-te bandalho!

FIM

...da ...

...da ...

...da ...

...da ...

...da ...

...da ...

...da ...

...da ...

...da ...

...da ...

...da ...

...da ...

...da ...

...da ...

...da ...

...da ...

...da ...

...da ...

...da ...

...da ...

...da ...

...da ...



A aparecer em Novembro

A Novela Vermelha

N.º 7—

ANASTÁCIO JOSÉ

POR

MÁRIO DOMINGUES

Colaboradores:

Manuel Ribeiro, Aquilino Ribeiro, Nogueira de Brito, Bento Faria, Mário Domingues, Pinto Quartim, Sobral de Campos, Cristiano Lima, Perfeito de Carvalho, Augusto Machado, Jesus Peixoto, Gonçalves Correia.

Preço, \$25 ctvs.

*Pedidos à Secção Editorial
d'A BATALHA*

Calçada do Combro 38-A. 2.º

W. W. R. W. W. W.

A Novela Vermelha

ANASTÁCIO JOSÉ

ROMANZO

Em 2 volumes

Este livro contém a história de Anastácio José, um jovem brasileiro que se apaixonou por uma jovem portuguesa. A história é contada em duas partes, cada uma com um volume. O primeiro volume trata da infância e da juventude de Anastácio, enquanto o segundo volume trata da sua vida adulta e do seu amor por uma jovem portuguesa.

Precio: 225 cts.

Página 2. Edição Especial

LA BATALHA

Editora do Livro - S.A. - L.

A NOVELA VERMELHA

Em preparação:

N.º 7- **Anastácio José**

POR

MÁRIO DOMINGUES

PUBLICADO:

- N.º 1 **A Expição** *por Manuel Ribeiro.*
 - N.º 2 **Sangue Fidalgo** *por Nogueira de Brito.*
 - N.º 3 **Hugo, o pintor** *por Mário Domingues.*
 - N.º 4 **Dois Tiros** *por Sobral de Campos.*
 - N.º 5 **Impossivei redenção** *por A. Machado.*
 - N.º 6 **A Escola Nun'Alvares** *por Cristiano Lima.*
-

Colaboradores: Manuel Ribeiro, Aquilino Ribeiro, Nogueira de Brito, Mário Domingues, Sobral de Campos, Augusto Machado, Perfeito de Carvalho, Jesus Peixoto, Gonçalves Correia, Cristiano Lima, etc.

PREÇO: \$25 CENTAVOS

Série de 10 números: 2\$50

Shi